

EDITORIAL

NA PROA FOI A MÚSICA E FOI A LÍNGUA

No dia a dia, não nos apercebemos da importância da Língua que falamos e através da qual exprimimos as nossas idéias, vontades, sentimentos e preces.

Como o Idioma é um bem incorporado à própria existência, usamo-lo com a maior naturalidade – tal qual o ar que respiramos e a água que bebemos. Durante essa utilização quotidiana, nem sentimos como chegou a um determinado padrão de linguagem, quais foram os percursos seguidos pela Gramática, ou como se moldaram as construções da frase. Apropriamo-nos da Língua, recebemo-la como um legado, convivemos com ela – e pronto, não assumimos a obrigação sequer de a defender e de a aprimorar. Deixamos essa tarefa aos mestres e aos filólogos que têm paciência para estudar e investigar a etimologia do vernáculo, as regras da sintaxe, as características do texto e os arrebiques da forma.

Na maioria dos casos, cada um de nós guardou apenas a lembrança da aprendizagem do Português, do tormento da redação na escola e do incômodo do ditado, da leitura obrigatória e da análise de um poema camoniano ou de um excerto do Padre Vieira.

Mas, num certo dia, damo-nos conta de que a Língua, parecendo que não, é muito mais do que uma estrutura gráfica ou do que uma estrutura fônica. Existe nela uma carga de emoções e uma dimensão que ultrapassam o desenho dos símbolos e a variedade dos sons.

Lembramo-nos, por exemplo, de dois episódios que ilustram este "tomar conhecimento" do Idioma materno como um elemento importante para cada ser humano. O primeiro desses episódios passou-se num hotel em Londres. Já estávamos de saída e foi na hora de pagar a conta. Enquanto no terminal do computador ia aparecendo a fatura, a funcionária, decerto para agradar ao cliente, ia-nos inquirindo se tínhamos gostado da estadia, se na véspera assistimos ao "Hamlet" e quando pensávamos retornar à Inglaterra. No nosso inglês medíocre agüentamos a conversa, sabe Deus com que esforço. Até que a certa altura, fitando-nos no rosto, ela perguntou: "Are you Greek?" – "Você é grego?" – "No, I'm Portuguese." – "Não, sou Português" – respondemos-lhe sem pensar muito nos traços helênicos. E ela, então, com um sorriso nos lábios, abriu os braços e exclamou: – "Mas eu também sou portuguesa! E estamos os dois a falar mal o inglês." – "Tem razão, falemos antes o minhoto" – brincamos com ela, evocando a tia de Eça de Queirós que, apesar de ter aprendido somente o minhoto, nunca deixara, durante a viagem ao Oriente, de ser muito bem atendida nos restaurantes, quando pedia ovos frescos e cacarejava, levantando o vestido, "c6-c6-r6-c6". Foi o momento de maior emoção na visita a Londres: o diálogo, em Português, com a moça do hotel.

O outro episódio ocorreu em Malaca, num bairro de pescadores, onde até hoje, 4 séculos depois de terem de lá saído os portugueses, ainda se fala o "papiá cristão". Foram 100 anos de domínio holandês; mais 200 anos de colonização inglesa; e, por último, algumas dezenas de independência da Malásia – e, mesmo assim, continuam vivas, naquela ponta da península, as referências portuguesas. Encontramo-las no nome dos estabelecimentos – "Ristorante Lisbona"; no apelido das famílias – Saraivas e Silvas; na cor das casas caiadas de verde e vermelho, etc.

Quando chegamos ao "Portuguese settlement", depois de visitarmos as ruínas da Fortaleza de Santiago, um grupo de crianças malaias correu na direção do automóvel. E, ao ver-nos saltar do carro, uma delas perguntou: – "Ser português"? Responde-mos afirmativamente com a cabeça. – "Nós falar Português." – e começaram a cantar uma série de cantigas medievais, levadas provavelmente para o Oriente pelos soldados de Afonso de Albuquerque.

É indiscutível o que se sente nessas horas. Em terra distante, no meio de gente estranha, num lugar onde não existe, nem onde nunca existiu, um único professor de Português, depois de uma permanência curta numa feitoria de que holandeses e ingleses se apoderaram – como era possível termos ao nosso lado dezenas de meninos e meninas a falar um Português medieval, arrezado e esquecido, com gosto de maresia e de aventura, de evangelização e de Fernão Mendes Pinto?

Mais emocionante do que ver as portas da fortaleza, com as marcas do tempo e da epopéia, foi, decerto, ouvir aquelas crianças a cantar a Saudade e o Amor numa Língua antiga, ali deixada pelos navegadores, e que vai sendo transmitida de pais para filhos, geração após geração, como se fora um tesouro que se deve guardar para sempre, enviado por El-Rei de Portugal.

A. Gomes da Costa